Nós do Brasil, de Zeina Latif

Guia de leitura

Quem é Zeina Latif

Economista formada, mestre e doutora pela USP, Zeina Latif foi economista-chefe da XP Investimentos e, em 2022, secretária de Desenvolvimento Econômico do governo de São Paulo. Conhece o mercado e a máquina pública por dentro.

Sobre o livro

Nós do Brasil: nossa herança e nossas escolhas (Record, 2022, 243 páginas) brinca com duas ideias de "nós": somos nós, os brasileiros, e são os nós que travam o crescimento do país há séculos. Zeina segue a tradição dos grandes livros sobre a formação econômica brasileira, mas amplia o olhar para além da economia.

A autora lista peculiaridades que distinguem o Brasil até de seus vizinhos latino-americanos: um período de escravidão mais longo, a experiência de ter sido sede de uma monarquia, a manutenção da integridade territorial, uma República proclamada tardiamente, sucessivos golpes de Estado, uma Constituição extensa e complexa, e um modelo patrimonialista herdado da colonização portuguesa que resiste até hoje.

Mas o livro recusa o determinismo histórico. Zeina cobra respostas também para escolhas recentes: os erros repetidos na educação pública, os episódios de corrupção, as decisões de curto prazo dos governantes. A pergunta que conduz a obra é direta: o Brasil está condenado ao baixo crescimento ou existe um amadurecimento institucional em curso?

Temas centrais

Educação. a negligência histórica com a educação básica de massa é, para Zeina, o ponto de partida do atraso. Capital humano é um dos fatores mais associados à renda per capita dos países que deram certo.

Marco jurídico e Judiciário. as regras do jogo formais, como Constituição e leis, moldam o crescimento. Para valer, precisam ser duradouras: regra que muda toda hora funciona como regra que não pegou.

Sistema político. da monarquia à República tardia, o livro acompanha como o desenho das instituições políticas brasileiras favoreceu acordos de curto prazo em vez de compromissos de longo prazo.

Forças Armadas. o papel dos militares na vida pública brasileira, incluindo os sucessivos golpes de Estado, aparece como um dos entraves à maturidade institucional do país.

Patrimonialismo. um Estado que ainda serve a quem está perto do poder, herança do modelo colonial português, é tratado como um dos nós mais difíceis de desatar.

Desigualdade e cidadania. a autora liga a herança histórica a uma sociedade que segue injusta: nascer rico ou pobre pesa mais do que deveria no destino de cada brasileiro.

Liberdade de imprensa. uma informação livre e plural é tratada como parte do arcabouço institucional necessário para o país amadurecer.

Por que interessa: o livro mostra, com dados e história, que as amarras do Brasil não são destino. São escolhas. E escolhas podem mudar.